

DO SILÊNCIO À PALAVRA: UMA LEITURA DE MACABÉAS

Jaqueline Castilho MACHUCA¹

RESUMO: Clarice Lispector escreveu *A hora da estrela* em 1977, livro que ganhou adaptação cinematográfica em 1984-85 pela cineasta Suzana Amaral. Ambos apresentam, ainda que de formas diferentes, uma protagonista enigmática e silenciosa: Macabéa, moça de dezenove anos que, embora seja pobre, marginal e subestimada por outros personagens, como Olímpico e Glória, traz consigo uma personalidade carregada de sensibilidade. Este artigo tem como objetivo discutir o silêncio de Macabéa como uma ferramenta contra as adversidades.

Palavras-chave: Adaptação; Cinema; Literatura; Silêncio; Macabéa.

ABSTRACT: Clarice Lispector wrote *A hora da estrela* in 1977, book which won a cinematographic adaptation in 1984-85, by Suzana Amaral. The movie and the book bring us a particular main character: Macabea, who is nineteen years old. Although she is poor, marginal and underrated by others characters, like Olimpico and Gloria, she presents a sensitive personality. This article has the purpose to discuss how the Macabea's silence can be a way to face the adversities.

Keywords: Adaptation; Cinema; Literature; Silence; Macabea.

1. De S.M a Macabéa

A adaptação de uma obra literária para os veículos de comunicação visual, com destaque para o cinema, consiste em um processo amplamente complexo, já que os meios pelos quais as linguagens se veiculam são diversos. Além de outros fatores, a obra literária se estrutura a partir da linguagem verbal, enquanto que o cinema se faz através da linguagem visual. Com o intuito de discutir adaptações literárias para o cinema, tão freqüentes nos dias atuais e, portanto, relevantes para o campo de estudos acadêmicos, o trabalho aqui proposto procura abordar as relações, sobretudo ligadas à personagem Macabéa, entre o romance *A hora da estrela*, de Clarice Lispector e o filme homônimo de Suzana Amaral.

“Este livro é um silêncio” (Lispector, 1998, p.17), diz Rodrigo S.M a respeito de *A hora da estrela*. Como, por vezes, o silêncio “fala mais” que qualquer palavra, esse romance é uma reflexão e toda reflexão demanda quietude. Essa obra publicada em 1977, por Clarice Lispector, quer perturbar o leitor, pois deseja ser um texto cuja protagonista, Macabéa, incomode. A obra quer ser ouvida pelo silêncio de sua heroína: nordestina, inculta, feia, datilógrafa, virgem, mulher de poucas palavras, poucos amigos, pouco dinheiro, pouca alegria.

¹ Graduada em Letras pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Atualmente cursando Pós-Graduação (Mestrado) em Teoria e história literária no Instituto de Estudos da Linguagem na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), contando com financiamento da Fundação Biblioteca Nacional.

Uma leitura sociológica diria que o sistema emudece os pobres, submetendo-os à ideologia dominante, já que além de travar um embate (inconsciente) com estes padrões, para Macabéa não há tempo para se falar, é preciso trabalhar. Também é fato que a jovem de dezenove anos não possui vocabulário vasto, pois, além de ter feito apenas até a terceira série, copia à máquina as informações contidas nos documentos que seu Raimundo, chefe da moça, seleciona para que ela digite, ou seja, ela reproduz, sem saber o sentido das coisas que lê.

Contudo, Macabéa não só reage, como enfrenta, ainda que de uma forma sutil, as tentativas de imposição feitas pelo sistema dominante. A nordestina parece ser completamente alienada, mas não é. Através de seu silêncio, a datilógrafa mostra que uma das formas de resistência é exatamente o calar. Além disso, sua sensibilidade, tanto para as artes quanto para as coisas, aparentemente banais, reforçam o mistério em torno dessa personagem, que além de ser especial, possui um sentido secreto, dado através do jogo de palavras feito por Rodrigo S.M.: “através das palavras que se agrupam em frases destas se evolva um sentido secreto que ultrapassa palavras e frases.”(Lispector, 1998, p. 14).

Esse segredo, que será desvendado sutilmente, é ancorado pela problemática da alteridade. O narrador do texto, Rodrigo S.M, constrói essa nordestina “muda” através de palavras, estas que, segundo ele, representam o material básico para se escrever não-importa-o-quê. Afinal, se *A hora da estrela* é um *metarromance*, como pontua Gotlib, afirmando “ o assunto do romance é a própria execução do romance. Trata-se , por essa razão, de um metarromance” (Gotlib, 2001, p.289), nada mais natural que relatar, passo a passo, o processo criativo, começando pela escolha das palavras “ não vou enfeitar as palavras” (Lispector, 1998, p.15), até a construção das outras peças da narrativa, inclusive a descrição dele próprio.

Aspectos que o livro traz certamente vão além do entendimento desse narrador, pois, na verdade, embora ele seja o criador de Macabéa, ela tem vontade própria e, por meio de sua personalidade e suas ações aparentemente sem valor, ela se desvincula de S.M e mostra que tem um pulsar inerente.

Macabéa vai ganhando força à medida que preenche o espaço da narrativa, com a grande dimensão justamente de sua leveza magra e incipiente, não pensante, quando se impõe ao autor, ainda que involuntariamente, mediante o seu silêncio. (Gotlib, 2001, p. 294)

A moça presta atenção às coisas aparentemente banais, enfatizando o paralelo entre a suposta insignificância e o (não) lugar da nordestina dentro da sociedade. Tais “insignificâncias” se inscrevem dentro dos “luxos” dos quais ela não abre mão: tomar café

frio à noite, ir ao cais do porto, pintar de vermelho as unhas das mãos, escutar a Rádio Relógio, comer cachorro-quente tomando coca-cola, ir ao cinema poeira todos os meses quando recebe o salário, colecionar anúncios publicitários das revistas, dentre outros. Ainda que Rodrigo S.M. tente adentrar esses luxos, não consegue acompanhar as explosões da moça, que são, portanto, momentos privados, autonomias de olhar, nas quais Macabéa goza instantes de êxtase e prazer. Esse é o ponto no qual o narrador do romance não consegue tocar diretamente, ainda que tente. E é exatamente a partir desse contato com a datilógrafa que S.M também se transforma.

2. Imagens de uma (não) estrela

Embora esse narrador (Rodrigo S.M.) tão caro ao romance não apareça no filme de Suzana Amaral, lançado em 1985, a alma, ou seja, o espírito da obra, a espinha dorsal, como afirma Amaral em entrevista com Manzano (1991), não muda. *A hora da estrela* de Suzana, assim como o romance de Clarice, é uma obra sensível, que leva o espectador à reflexão, através, sobretudo, do silêncio de Macabéa. Obviamente que as emoções despertadas pelo filme só existem pelo bom desempenho dos atores, com destaque a Marcélia Cartaxo, representando a jovem nordestina e José Dumont, como seu namorado, Olímpico de Jesus. Em relação a isso, a cineasta continua:

Eu não queria, isto é, a minha preocupação não era colocar muito diálogo na boca de Marcélia e Olímpico (sic): meu objetivo era fazer com que eles tivessem atitudes, que eles transmitissem “o sussurro que está atrás das palavras” (Manzano, 1991, p.19)

Macabéa, desde o início do filme, aparece como uma mulher resignada, submissa. Nas duas primeiras cenas, a nordestina pronuncia apenas frases que se limitam em: “*O senhor me desculpe. A senhora me desculpe*” Neste sentido Ab`Saber pontua: “Macabéa(...) constrói-se como eu que nada pode, sobre o qual todos são senhores a quem pede desculpas.” (Ab`Sáber, 2003 p.173).

Já na primeira parte do longa metragem, na qual temos cenas que descrevem o cotidiano da jovem, ela é vista pelos olhos das outras personagens: que a acham mal cheirosa (fala de uma das Marias), que é sonsa (outra Maria), que parece um maracujá de gaveta (seu Pereira). Tais impressões das personagens em relação a Macabéa traçam seu perfil perante o “outro” que a olha: suja, por vezes até repulsiva, feia, inocente. O desenrolar da trama confirma a primeira impressão que o espectador tem da moça, sobretudo pelo olhar de Olímpico e Glória, que, por serem mais fortes que Macabéa em vários sentidos, reduzem-na,

deixam-na menor, sempre através da comparação, ou seja, para que eles possam se afirmar dentro do mundo, é necessário que haja alguém menor que eles, alguém inferior, ainda que eles (Olímpico e Glória) não sejam “muito” dentro do sistema.

A Hora da Estrela é construído como mundo diegético onde cada personagem, posição, ou diferença é diante de Macabéa, um julgamento, um peso de valor para sua existência sempre comentada. Todas as relações de um outro com Macabéa serão sempre de poder, sendo seu corpo o lugar final da ausência completa de poder, o receptáculo de todos os desejos de todos os outros que habitam o mundo (Ab’Sáber, 2003 p.169).

Quando Amaral (Manzano, 1991, p.19) afirma que queria um anti-herói, como fora Macunaíma, e que essa é uma das razões que a leva na escolha de adaptar *A hora da estrela*, fica implícito que, em seu filme, a personagem não irá aparecer como um ícone romântico, mas, ao contrário, como a própria representação da pobreza (marginalidade) brasileira: suja, feia, inculta, que causa repulsa. Macabéa não é a representação do Brasil, ela é a representação da pobreza do Brasil, da feiúra brasileira. A nordestina não apenas é a personificação da miséria nacional, como do próprio momento em que o país está inserido, cujas desigualdades sociais se acirram cada vez mais e a disparidade econômica se torna algo incômodo.

Lispector se incomodou e construiu Macabéa. Amaral se incomodou com Macabéa de Lispector e construiu a sua: migrante, humilhada, sem posses, sem ninguém que interceda por ela. Assim como a protagonista de Clarice, a personagem desenhada por Suzana é diferente, é especial, pois há um segredo em torno dela. Ainda que a nordestina traga consigo o estigma da pobreza, diferente de muitas personagens embasadas em *clichês* cinematográficos, a datilógrafa exposta nesta trama é densa, visto que, não só expressa a condição do marginal inserido em um contexto de uma grande cidade, como da posição da mulher frente a uma sociedade que a engole, como pontua Fernão Ramos:

Macabéa é uma moça nortista (...) que enfrenta sozinha a rudeza da cidade grande. Seus dilemas, no entanto, não aparecem reduzidos à violência do conflito com a nova realidade social, mas atravessam a própria condição feminina da personagem. A narrativa, conseguindo construir uma personagem de bastante espessura, encontra facilidades para abordar o mundo através de seus olhos, distanciando-se assim do lugar-comum dos filmes e novelas versando sobre a dureza da cidade grande. (Ramos, 1998, p. 155)

Tais condições, tanto de marginalidade quanto de feminilidade fragmentada, já que Macabéa se explora e é julgada por outros, contudo não consegue se reconhecer, nos levam

para um dos aspectos relevantes do filme: a problemática do silêncio. Este silêncio de Macabéa chama a atenção para outros elementos visuais: a sujeira, a pobreza, a falta (de amigos, de família, de dinheiro, de cultura, mas não de sonhos). A moça, quando sozinha, ao encontro de si mesma, sonha, tem luxos, ilusões. Um das cenas que exemplifica isso é aquela na qual a moça, por meio de uma mentira, consegue um dia de folga e o aproveita para ficar sozinha. Neste momento, ela, já pela manhã, aumenta o volume do rádio, pega um lençol branco e começa a dançar, sorrindo, sonhando. Este lençol serve de protótipo para um traje de noiva, no qual Macabéa se vê, através do espelho enferrujado de seu quarto, e se descreve: “sou virgem, datilógrafa e gosto de Coca-cola”. Esse momento singelo mostra que a moça, embora viva em meio a adversidades, tem grande sensibilidade. A sensibilidade da datilógrafa é visível quando a moça afirma ter chorado ao ouvir *Una furtiva lacrima*, de Caruso, ou seja, mesmo não sabendo o significado do termo “cultura”, a moça se emociona com um clássico da música internacional.

Outros temas, paralelos à sensibilidade, podem ser percebidos quando tratamos desta personagem tão densa. Dentre eles, destaco:

a) A sexualidade: embora não seja sensual, Macabéa reconhece seu sexo, ainda que tenha vergonha dele. Há uma cena, no metrô, em que a moça fica perto de dois homens e, sendo de estatura menor que eles, fica sob suas axilas, deixando evidente sua expressão de contentamento ao exalar tais odores.

b) Invisibilidade: Macabéa é substituível, não faz falta a ninguém e, na maior parte das vezes, não é notada pelos outros personagens. Um dos exemplos que mais ressalta essa invisibilidade da moça é a cena na casa de Glória, que convida sua colega de escritório para uma festa. Lá, um homem se refere a Glória como sendo a única solteira do lugar, como se a nordestina não estivesse no recinto.

A protagonista de *A Hora da Estrela* é tão complexa que desperta nas demais personagens e, sobretudo, no espectador, dois sentimentos semanticamente opostos: repulsa e piedade. O primeiro fica expresso em duas cenas bem pontuais no filme: após a festa na casa de Glória, Macabéa vomita. Ela, marginal, vomita a riqueza, vomita aquilo que não faz parte de sua realidade, vomita o diferente, mas, principalmente, vomita a falsidade, o jogo de interesses, com o qual a nortista não compactua; outro momento é comendo uma coxa de frango e urinando simultaneamente, de madrugada. Tal tomada desperta o sentimento de nojo, pois temos a impressão de que a moça não tem noções de higiene.

Mas é o sentimento de piedade que se sobressai ao longo do filme. Todas as cenas nas quais Macabéa é humilhada despertam em nós, enquanto espectadores, um sentimento de

pena, pois temos a impressão de que ninguém pode/quer interceder por ela. Macabéa é humilhada por Olímpico até no momento em que ele rompe com ela para ficar com Glória. Ainda que nem todas as personagens reduzam-na diretamente, a jovem é reduzida de forma sutil, como na cena em que chega no quarto e começa a arrumar suas coisas, que, somadas, caberiam em uma caixa. Tal tomada demonstra não só a ausência de bens, como denota esse caráter especial que tem Macabéa: para se sentir bem, a moça não precisa de bens materiais, ela precisa do encontro, dos pequenos luxos, estes adquiridos de formas diferentes daquelas incentivadas pelo sistema capitalista.

Assim como o livro de Lispector, os temas sócio-políticos também estão muito ressaltados nessa obra de Amaral. A pobreza, a alienação política, a migração nordestina para o Sudeste, o papel/representação da mulher na sociedade, etc. Essa representação do feminino se dá em três esferas diferentes: a) a mulher fácil, Glória, tratada pelos homens como objeto. É vulgar, sexualmente ativa, dissimulada, pertencente à baixa burguesia, e, além de tudo, trai a amiga (para ela não há pudor para se conseguir aquilo que se deseja). “A imagem descartável de Glória é aquela associada ao desejo. Condição de produção de sedução, posta de dentro para fora, em busca de reconhecimento” (Andrade, 1986, p.9). b) a persuasiva, Carlota, que representa a artificialidade, a promiscuidade ultrapassada, já que fora prostituta e cafetina antes de assumir o posto de cartomante. c) a humilhada, pobre, grupo no qual Macabéa e as três Marias estão inseridas. Além de tais as mulheres, destacando Macabéa, Carlota e Glória, pertencerem a realidades diferentes (sobretudo sociais e sexuais), há embates travados entre elas ao longo do filme, nos quais Macabéa, embora honrada frente aos valores morais, sempre assume uma posição inferior. Neste sentido temos, por exemplo, uma gradação em relação à problemática da sexualidade: Carlota era prostituta, portanto cobrava pelo sexo; Glória era “fácil”; Macabéa nem ao menos praticava o ato sexual, o que a coloca em uma posição privilegiada em relação à moral.

A nordestina não assume a posição “moralmente privilegiada” apenas em relação ao sexo. Há um antagonismo no enredo, pois, Macabéa, ainda que marginal, é a única no filme capaz de articular questionamentos. Em meio a dúvidas fragmentadas, já que além de não serem direcionadas, não possuem conexão uma com a outra, ela tece grandes questões, que a sociedade contemporânea e a filosofia ainda têm dificuldade de responder: o que é cultura? Será que eu sou eu? Feliz serve para que?

3. Entre Macabéas

Macabéa de Lispector , Macabéa de Amaral, ambas as personagens que tão bem representam aspectos do Brasil são enigmas, já que, além de abarcarem questões sociais importantes, como a problemática da migração nordestina para o Sudeste, trazem expressões contundentes, ressaltando que o silêncio não é apenas um recurso de “marginais” e sim de todos aqueles que necessitam “do encontro”, ainda que inconsciente, com seus próprios mistérios.

Ainda que o romance de Clarice ouse esteticamente, uma vez que apresenta, por exemplo, determinadas categorias narrativas fragmentadas, como é o caso do narrador, e o filme de Suzana não, já que traz planos tradicionais, enquadramentos clássicos, etc, esta teve o intuito de manter no cinema a mesma proposta de sensibilidade que propôs a romancista ao compor a história de Macabéa. “Suzana Amaral teve a preocupação de ser fiel, no cinema, ao espírito intimista da literatura de Clarice Lispector”.(Nazário,1986, p. 3). O perfil sensível da datilógrafa permanece no longa metragem de Amaral, o que nos faz concluir que, embora pobre, marginal, inculta, a moça de dezenove anos reage,ou seja, enfrenta o sistema de forma sensível. Talvez o grande mistério em torno de Macabéa resida no fato de que, por intermédio de seu silêncio, ela consiga enfrentar não só a ideologia dominante, mas também seus oponentes, sobressaindo-se, tornando-se esta figura especial, enigmática.

REFERÊNCIAS

AB’ SÁBER, Tales A.M. A imagem fria: cinema e crise do sujeito no Brasil dos anos 80. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

ANDRADE, Regina. Três imagens de mulher. In: Caderno de crítica, Rio de Janeiro, número 1, Maio de 1986, p.8-10.

GOTILIB, Nádia Battella. Macabéa e as mil pontas de uma estrela. In: ABDALA , B.Jr; MOTA, L.D (orgs) Personae: Grandes personagens da literatura brasileira. São Paulo: Editora Senac, 2001.

LISPECTOR, Clarice. *A Hora da Estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MANZANO, Luiz Adelmo Fernandes. “A hora da estrela”: do livro ao filme. Entrevista com a cineasta Suzana Amaral. In: Revista Comunicação e artes, São Paulo - ECA USP, ano 15- número 25, Janeiro/ Junho 1991, p.17-27.

NAZÁRIO, Luiz. Macabéa, um esboço de ser. Caderno de crítica, Rio de Janeiro, número 2, Novembro de 1986. p.3-4.

RAMOS, Fernão. A hora da estrela. In: LABAKI, A. (org.) O cinema brasileiro: The films from Brazil. São Paulo: Publifolha, 1998. p. 155-158.